SJ006: Lisístrata

* **Título:** *Lisístrata*
* **Autor:** Aristófanes
* **Linha fina:** De caráter vigoroso e polêmico, Lisístrata, obra prima do drama universal, é repleta de alusões à sociedade da época, mas transcende o seu tempo. Seu mote principal é uma hilária greve de sexo feita pelas mulheres gregas que contestava a então vigente Guerra do Peloponeso (431–404 a.C.)
* **Coleção:** Hedra Edições
* **Nacionalidade:** Grega
* **Título original:** Λυσιστράτη
* **Copyright:** Domínio público. Os direitos contratados se referem apenas à tradução de Ana Maria Cesar Pompeu
* **Categoria:** Teatro
  + **BISAC:** [DRA006000] Antigo e Clássico
  + **Thema:** [FBC] Ficção clássica: geral e literária; [POE008000] Antiga e Clássica
* **Escola:** Comédia
* **Assunto:** Teatro; Comédia Antiga; Comédia Clássicos da Antiguidade; Grécia; Aristófanes; Tragédia grega;
* **Edição:** Adriano Scatolin e Bruno Costa
* **Coedição:** Iuri Pereira e Jorge Sallum
* **Tradução:** Ana Maria Cesar Pompeu
* **Revisão:** Adriano Scatolin, Ana Maria C. Pompeu e Bruno Costa
* **Assistência editorial:** Bruno Oliveira
* **Capa:** Lucas Kröeff
* **Número de páginas:** Ainda sem número de páginas atualizado, mas na edição antiga tinha 110
* **Dimensão:** 13,3 x 21 cm
* **ISBN:** 978-85-7715-957-4
* **Data de entrega de arquivos:** 8 de março de 2024
* **Sobre o livro:** *Lisístrata*, obra prima do drama universal, foi representada pela primeira vez em 411 a.C., na cidade de Atenas. Assumindo como mote principal uma hilária greve de sexo feita pelas mulheres gregas sob liderança da personagem cujo nome serve de título à comédia, figura entre as peças mais aclamadas do comediógrafo Aristófanes. Embora a greve conteste a então vigente Guerra do Peloponeso (431–404 a.C.) e o drama seja repleto de alusões àquela sociedade, ele transcende o seu tempo, sobretudo devido à singular manifestação feminina que engendra, o que faz dessa peça, dentre toda obra remanescente de seu autor, uma das mais encenadas e referidas no mundo contemporâneo. Ainda que a presença de uma heroína cômica (quiçá a primeira do palco grego antigo) hoje não mais surpreenda, é ainda instigante e engraçado o modo como a perspectiva “feminina” denuncia as incongruências entre a guerra e a vida privada. Além disso, a representação de temas atemporais e caros à modernidade, como a luta pela paz e pelos direitos das mulheres — isenta, contudo, de viés panfletário –, garante o sucesso atual de *Lisístrata*. A tradução aqui apresentada, revisada e acrescida de notas, foi premiada no II Festival Universitário de Literatura, da Xerox e Livro Aberto, na categoria Tradução, em 1998.
* **Sobre o autor:** Pouco se sabe sobre a vida de Aristófanes (450–388 a.C.), considerado o maior representante da comédia antiga. Estima-se que o dramaturgo teria nascido em meados do século V a.C. e morrido, provavelmente com mais de 70 anos de idade, após a encenação de sua última peça (Pluto, 388 a.C.). Desde sua estreia juvenil nos palcos atenienses, a ele se atribuem quarenta títulos e cerca de 900 fragmentos de peças, sendo que várias delas foram premiadas nos festivais em honra ao deus Dioniso. De caráter vigoroso e polêmico, suas comédias tratam da vida política e cultural da Atenas da época, não raro criticando explicitamente personalidades importantes. Além de constituírem o principal testemunho da fase da comédia grega denominada *Archaia* (“antiga”, em grego), as onze peças aristofânicas que chegaram ao mundo moderno não deixam qualquer dúvida quanto à genialidade de sua poesia. A sua maestria no uso de convenções (textuais e cênicas) do gênero dramático verifica-se, por exemplo, pela implementação de recursos humorísticos dos mais variados, que vão desde tiradas políticas e “retratos” do casamento, passando por um erotismo mais obsceno e pela sofisticada ironia, até paródias literárias. O riso aristofânico é franco, dessa maneira, aberto e não poupa sequer a própria arte.
* **Trechos do livro:**
  + **Capítulo da introdução**
    - Mas, na verdade, é precisamente o diálogo com eventos, sobretudo políticos e culturais, de seu tempo — somado a uma fantasia exuberante, plena de alegorias e situações absurdas (podendo envolver coros de animais ou nuvens falantes) — que caracteriza o gênero de espetáculo de que o autor de Lisístrata é hoje o principal representante: a chamada "comédia antiga" grega, ou Archaia.
    - O fato de a crítica à guerra entre atenienses e espartanos ser expressa e liderada por uma mulher é uma diferença marcante dessa comédia em relação às aristofânicas anteriores hoje conhecidas, como Acarnenses e Aves.
    - Talvez a surpresa viesse, em primeiro lugar, de uma quebra na convenção teatral: a personagem Lisístrata é a primeira heroína cômica de que se tem notícia no teatro grego antigo.  Ora, um dos efeitos de se escolher uma mulher como anunciadora de tal crítica é, sem dúvida, proporcionar ao poeta  tratar do assunto da guerra a partir de um ângulo bastante diferente do que, ao que se saiba, ele fazia até então: o olhar (evidentemente estilizado) das esposas dos cidadãos atenienses. Dessa forma os temas políticos (isto é, referentes à cidade-estado, pólis) são representados a partir de uma perspectiva privada, da casa (oíkos), dimensão a que, como é notório, as mulheres eram restritas naquela sociedade.
    - Faz parte da caracterização heroica de Lisístrata reagir a uma situação injusta, elaborando e colocando em prática um plano salvador (correspondente à ação da peça).
    - Nesse sentido, ela [Lisístrata] é representada como uma mulher especial dentre as demais personagens da comédia, apresentando uma perspectiva mais elevada, no que concerne a seus princípios e a sua compreensão  geral da situação.
  + **Capítulo do texto**
    - Calonice: Olá, Lisístrata. Por que estás agitada? Não te mostres mal humorada, filha. Pois não te convém arquear as sobrancelhas.

Lisístrata: Mas, Calonice, queima-me o coração, e por nós, mulheres, estou muito triste porque os homens nos consideram maliciosas…

Calonice: E somos mesmo, por Zeus.

Lisístrata: Mas quando se diz para elas se reunirem aqui para sobre algo de muita importância deliberarem, dormem e não chegam.

Calonice: Mas, querida amiga, elas chegarão; é sem dúvida difícil a saída das mulheres. Pois uma de nós ao marido inclina-se, outra desperta o escravo, o filhinho uma faz dormir, essa o banha, alimenta-o aquela.

Lisístrata: Mas é que, mais úteis do que estas, outras coisas havia para elas.

Calonice: E qual é, cara Lisístrata, a causa pela qual convocaste a nós, mulheres? Que coisa é? De que tamanho?

Lisístrata: Grande.

Calonice: E grossa também?

Lisístrata: E grossa, por Zeus.

* Lisístrata: Direi; pois não é preciso que o assunto fique oculto. É que para nós, ó mulheres, se estamos dispostas a obrigar os homens a fazerem a paz, é preciso abandonar…

Calonice: O quê? Fala.

Lisístrata: Fareis então?

Calonice: Faremos, mesmo que tenhamos de morrer.

Lisístrata: É preciso então que abandonemos o pênis. Por que vos inquietais? Para onde ides? Vós, por que fazeis beicinho e negais? Por que a cor muda? Por que uma lágrima corre? Fareis ou não fareis? Ou o que vós pretendeis?

Calonice: Não faríamos. Que a guerra continue!

Mirrina: Por Zeus, nem eu. Que a guerra continue!

Lisístrata: Isto tu dizes, ó linguado? E há pouco mesmo dizias que até cortarias a metade de ti.

Calonice: Outra, outra coisa que quiseres. Até se for preciso, pelo fogo quero caminhar. Isto mais do que abandonar o pênis. Pois nada é igual, ó amiga Lisístrata.

Lisístrata: E tu então?

Mulher: Eu também quero caminhar pelo fogo.

* Lisístrata: Perfeitamente, pelas duas deusas, pois se ficássemos em casa, maquiadas, e se com as curtas túnicas de Amorgos nuas avançássemos, depiladas em forma de delta, os maridos ficariam com tesão e, ao desejarem nos abraçar, nós não nos aproximássemos, mas nos afastássemos, sei bem que alianças fariam rapidamente.
* Lisístrata: [...]  E vós jurareis estas coisas e as sancionareis: Não há nenhum homem, amante ou marido[...] que irá se aproximar de mim com tesão. Repete.[...] Em casa e casta passarei os dias [...] com uma túnica amarela e embelezada [...] para que o esposo mais se queime de desejos por mim. [...] E jamais de bom grado cederei ao meu esposo.[...] E se, eu não consentindo, ele me obrigar à força[...] de mau grado irei me entregar e não me moverei.[...] Não levantarei para o teto as sandálias pérsicas. [...] Não me agacharei como a leoa na faca de queijo.[...] Estas coisas fixadas, possamos beber desta taça. [...] Mas se eu as violar, a taça se encha de água.
* Conselheiro: Mas o que farás?

Lisístrata: Isto me perguntas? Nós o administraremos.

Conselheiro: Vós administrareis o dinheiro?

Lisístrata E por que julgas isto tão estranho? E nós não administramos em tudo os bens de casa para vós?

Conselheiro: Mas não é assim.

Lisístrata: Como não é assim?

Conselheiro: Ele deve servir para a guerra.

Lisístrata: Mas primeiro nada obriga a fazer guerra.

Conselheiro: Como nos salvaremos então?

Lisístrata: Nós vos salvaremos.

Conselheiro: Vós?

Lisístrata: Nós mesmas.

* **Contém imagens:** Não
* **Tiragem:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)
* **Data de lançamento:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)
* **Imprensa:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)